

Varição linguística: o que a escola tem a ver com isso?

Ediene Pena Ferreira*

Iniciando a prosa

A reflexão que aqui se apresenta nasce de angústias: minhas e de meus alunos – professores de língua portuguesa dos ensinos fundamental e médio. A teoria recebida na universidade nem sempre é suficiente para que se enfrente a realidade da sala de aula, e muitas vezes o aluno/professor não tem tempo para refletir sobre a teoria aprendida e sua relação com o fazer pedagógico. É verdade que as teorias linguísticas abriram espaço para que alguns temas, antes relegados, tivessem lugar na sala de aula.

Um dos temas que ganhou espaço nas academias e, mesmo equivocadamente, nas escolas, é o da variação linguística. Consideramos positiva a inserção, mas negativa a forma como a variação vem sendo trabalhada, a começar pelo tratamento dado ao tema nos livros didáticos. Alguns professores de língua portuguesa, e a sociedade em geral, motivados pela mídia, pela escola e por algumas discussões, compreendem ser a variação um erro, ou se não, uma forma de língua a ser evitada. Essa concepção, além de não ter nenhum respaldo científico, fortalece o preconceito linguístico.

Objetivando esclarecer esse o conceito de variação linguística e mostrar a relação possível na sala de aula, apresentamos alguns conceitos importantes para o professor entender o fenômeno da variação; mostramos a relação entre a escola e o tratamento da variação; apresentamos o que a escola está fazendo equivocadamente em relação ao tema; e sugerimos o que pode ser feito.

* Docente da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Realizou pesquisa pós-doutoral no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) em Lisboa. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal). Mestra em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Letras – Língua Portuguesa por esta mesma Instituição de Ensino Superior. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: funcionalismo linguístico, língua e sociedade, gramaticalização, variação linguística, gramática e ensino. Faz parte do Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF/UFC) e coordena o Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA). É docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOPA, professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFOPA. Deste último é a atual coordenadora.

E-mail: ediene.ferreira@ufopa.edu.br

Revisitando alguns conceitos

Para que o fenômeno da variação linguística seja compreendido, principalmente pelo professor de língua portuguesa a quem esse artigo se destina, sem deixar margem para possíveis interpretações equivocadas, alguns conceitos precisam ser revisitados. O primeiro dele é o conceito de língua. Por incrível que pareça muitos professores de língua portuguesa ao fazer o planejamento de aula e ao preparar atividades dessa disciplina não têm clareza de qual conceito de língua esse planejamento e essas atividades estão considerando¹. Não se atentam para o fato de que o conceito de língua – e de gramática – deveria nortear o fazer em sala de aula.

A depender da abordagem teórica na qual estamos ancorados, há diversos conceitos de língua. A que sustenta este trabalho é a abordagem funcionalista², de acordo com a qual, língua é um instrumento de interação social. Destacamos aqui, para nossos propósitos o termo “social”. Língua é uma atividade social. Assim sendo não pode ser vista como um bloco homogêneo, monolítico, um produto pronto, acabado. Como instrumento de interação social ou como atividade social ela se realiza no uso; ela não é um produto, é um processo, pois se constitui, se faz e se refaz no uso que os falantes fazem dela.

Os falantes vivem em sociedade, portanto, a língua é um reflexo dessa sociedade. A sociedade é múltipla, diversa, plural, então a língua também o será. É por isso que dizemos que a língua é heterogênea. A heterogeneidade caracteriza as línguas e a linguagem humana, assim como caracteriza todas as sociedades. Nossos comportamentos, nossos interesses, nossos gostos, enquanto seres sociais, não são únicos, são diversos. Não poderíamos esperar, portanto, que nossa forma de falar não sofresse variação. Todas as línguas são plurais, múltiplas, instáveis, mutantes como são todos os falantes. A língua faz parte da nossa identidade social e cultural. Línguas variam. Essa variação leva à mudança linguística. E isso não pode ser visto como um problema.

Podemos agora definir o que se entende por variação. Variação é uma propriedade intrínseca das línguas; é uma característica de todos os sistemas linguísticos. Variação não é erro. Não é desvio. Não é um problema. Já nos anos 60, o linguista Aryan

¹ Como professora do Mestrado Profissional em Letras, ao ministrar a disciplina Gramática, variação e ensino, sempre pergunto aos alunos no primeiro dia de aula: Qual concepção de língua e de gramática rege seu fazer pedagógico? Os alunos não sabem responder.

² Utilizamos o termo “abordagem funcionalista” para referir às abordagens linguísticas que tomaram vulto a partir dos anos 60, com a chamada “virada pragmática”, que deixam de conceber língua como sistema homogêneo, opondo-se assim às abordagens formalistas, a saber: sociolinguística, funcionalismo, linguística textual, pragmática...

Rodrigues dizia que toda língua é um feixe de variedades, um conglomerado de variantes ([1968] 2004). Variação é uma característica das línguas, é uma propriedade, é condição de ser das línguas. Se essa língua for uma língua natural, se ela não estiver morta, se for língua materna, se for língua adicional, se essa língua for falada efetivamente, essa língua vai variar. Porque toda língua é um conjunto de variedades. Vejamos aqui outro conceito importante: variedade.

Variedades são diversas formas de usar a língua. Para entender isso basta observarmos como falam os brasileiros e como falam nossos amigos de além-mar. Nossas formas de falar a língua portuguesa são diferentes. Daí dizemos que temos a variedade europeia, o português europeu (falado em Portugal) e a variedade brasileira, o português brasileiro, assim como há a variedade africana. No Brasil, não se fala da mesma forma de norte a sul; temos as variedades regionais; dentro de uma mesma região, temos as variedades dos estados; nos estados temos as variedades das diferentes cidades; e nas cidades temos as diferenças de classe social, numa ciranda quase infinita.

Rodrigues ([1968] 2004), ao definir língua, utiliza os termos *variedades* e *variantes*. Já sabemos que variedades são as diferentes formas de usar a língua. Já o termo *variantes* é definido por Tarallo (1997) como duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Outro termo que merece atenção é o termo *variável*. Variável é uma forma linguística que apresenta duas ou mais realizações identificáveis, ou seja, apresenta variantes. Vamos entender melhor por meio de ocorrências do português brasileiro.

Podemos dizer que os usos do verbo *chegar* são exemplos de variação. A regência desse verbo é uma variável que apresenta duas variantes:

(01) Cheguei *a* Santarém.

(02) Cheguei *em* Santarém.

Como se vê, é possível acompanhar o verbo *chegar* tanto com a preposição *a* quanto com a preposição *em*. *Chegar a* e *chegar em* são formas variantes da variável regência do verbo *chegar*.

E por que isso tudo acontece nas línguas? Porque a língua é heterogênea e há fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a variação. Entre os fatores linguísticos, citamos Tarallo (1997, p. 39-40) que, ao falar da concordância como fenômeno variável, apresenta os seguintes fatores linguísticos que podem condicionar presença ou ausência da marca *-s* nos sintagmas nominais, como em *As casas*

amarelas/As casa amarela: a) contexto fonológico posterior (se vogal ou consoante); b) posição da variável no SN (primeira, segunda ou terceira posição); c) classe morfológica da palavra contendo a variável (determinante, nome, adjetivo); d) estatuto morfológico da palavra que contém a variável (monomorfêmico, bimorfêmico).

Entre os fatores extralinguísticos que condicionam a variação, destacam-se: a) *tempo* – variação diacrônica: O português do século XVI não é o mesmo do século XIX, que não é o mesmo do século XX, línguas mudam com o tempo. Incluímos também aqui o fator idade; b) *espaço* – variação diatópica. Línguas mudam conforme o espaço em que é falada. Espaços diferentes, formas de falar diferentes; c) *classe social* – variação diastrática. A língua muda de acordo com a classe social a que o indivíduo pertence. A depender da classe a que o indivíduo pertença ele vai ter mais ou menos acesso à educação formal, mais ou menos acesso a bens de cultura e isso vai influenciar sobremaneira a forma como ele usa a língua; d) *estilo* – variação diafásica. A língua varia em função do ouvinte. Na interação social, o falante faz escolhas para se adaptar à pessoa com quem fala. Por exemplo, a depender do grau de proximidade do interlocutor, o falante pode optar a usar *tu, você, senhor, vossa excelência*. As escolhas passam a ser feitas em função da pessoa com quem se fala, do assunto, da situação comunicativa, caracterizando assim a variação estilístico-pragmática.

A variação ocorre em todos os níveis da língua:

1. Variação fonética/fonológica - quando a mesma palavra é pronunciada de formas diferentes: *livro; lhivro; falaram; falarum, falaru;*
2. Variação morfológica - alteração na forma: *painho; paizinho; justificativa, justificação* (dois exemplos de variação no sufixo); na forma verbal *cantamos, cantamo, cantemo;*
3. Variação sintática: organização dos elementos na sentença: *eu o vi; eu vi ele; a casa que morei; a casa em que morei; a casa que gosto dela; diga-me uma coisa; me diga uma coisa;*
4. Variação semântica: alteração no significado da palavra. *Camisola* no Brasil é roupa de dormir, mas em Portugal é camisa. Então o Cristiano Ronaldo entra em campo de camisola;
5. Variação lexical: um mesmo objeto pode ter vários nomes dependendo do lugar onde a língua é falada. É o caso de *dindin, sacolé, chopinho, flau;*

6. Variação pragmática: quando o falante adapta sua fala à situação comunicativa, o que envolve o assunto; o lugar, o interlocutor, o nível de formalidade e de monitoramento;

Como vimos, a língua é um universo extremamente interessante e complexo, não podemos reduzi-la ao certo e ao errado. Como a escola pode lidar com essa complexidade?

Variação linguística x escola: uma relação possível?

Apresentados os conceitos importantes sobre variação linguística e esclarecido que variação é uma característica presente em todos os sistemas linguísticos sem a qual não é possível a existência das línguas naturais, por que durante muito tempo essa concepção esteve ausente da escola? Por que o professor de língua portuguesa não compreendia, e às vezes parece ainda não compreender, esse fenômeno como algo natural, mas antes o percebia como erro a ser consertado? A resposta tem a ver com a história do ensino de línguas. Para melhor compreender isso, voltemos há alguns anos...

É sabido que a língua portuguesa, direta ou indiretamente, tem origem no Latim³. De acordo com registros históricos, o latim surge no século IX a. C; os primeiros registros escritos são datados do século VII a. C; o galego-português, continuação histórica do latim vulgar, surge por volta de 1.100 d. C; o português propriamente dito surge por volta de 1.350; no século X, o latim deixa de ser língua vernacular.

Embora não mais fosse língua vernacular, no século X, o latim tinha tanta importância que, mesmo se fragmentado em várias outras línguas, continuava sendo língua oficial. Era a língua utilizada nos documentos oficiais em Portugal e era a língua ensinada nas escolas europeias. Durante muito tempo, as línguas maternas não eram ensinadas nas escolas, ou seja, para dar exemplo do português, a língua portuguesa não era disciplina, estava ausente dos programas curriculares. Qual era língua ensinada então? Era o latim ou o latim e o grego. Na época, o objetivo da escola, em relação à linguagem, era o conhecimento dos autores clássicos e para isso era preciso aprender o latim e o grego, que deveriam ser usados corretamente.

Essa situação começa a mudar, nos séculos XVI e XVIII, quando foram implementadas políticas que defendiam a inclusão das línguas nacionais no processo de escolarização. Em Portugal, o nascimento oficial da língua portuguesa é marcado pela publicação da Carta Régia de 12 de setembro de 1757, ocasião em que Marquês de

³ Digo indiretamente pois há defensores de que o português tenha se originado do Galego. Esta língua sim vinda do Latim.

Pombal oficializou esse idioma como a língua do reino de Portugal. A reforma pombalina, então, é a responsável pelo ensino obrigatório de língua portuguesa nas escolas.

Mesmo com o ensino das línguas nacionais, o latim não deixou os currículos escolares e era ensinada junto com as línguas oficiais. Um fato esclarecedor, o latim, ao ser ensinado, não era mais uma língua falada, ou seja, não sofria mais variação tal qual acontece com as línguas usadas espontaneamente. Então seu ensino era da variedade escrita literária. Esse fato vai explicar a maneira como o ensino de língua portuguesa passou a ser feito nas escolas e ainda o é nos dias de hoje.

Ensinava-se um modelo, como se a língua fosse um produto pronto e acabado. No caso do latim, não havia problema, pois esse idioma não era mais falado, mas no caso das línguas oficiais isso gerou um fosso cada vez maior entre o modelo ensinado e a língua, efetivamente, falada.

Como já observado, até o século XVIII, o latim era ensinado em detrimento das línguas nacionais. Quando estas passam a ter lugar nos programas curriculares, o fazem seguindo o mesmo modelo de ensino do latim. Ensinava-se a variedade dos grandes clássicos, bem distante da língua realizada no dia a dia do falante. Nasce a tensão entre norma e variação.

Devido ao ensino de uma variedade “modelar”, respaldado na noção de língua única, a variação linguística passa a ser vista como erro, como problema. São, praticamente, mil anos de ensino normativo que desconsidera a heterogeneidade. É o peso da tradição que torna árdua a tarefa de mudança de concepção, buscando um ensino que considere as diferenças constitutivas do sistema linguístico, tal qual são constitutivas da própria sociedade. É extremamente difícil mudar uma forma de ensinar língua perpetuada durante mil anos.

No Brasil, a mudança na perspectiva de ensino de língua portuguesa é muito recente. Podemos citar como marco para essa mudança, a publicação, em 1995, dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, e em 1997 da obra de Wanderley Geraldi, *O texto na sala de aula*. Obviamente não foram os únicos textos que motivaram a mudança na concepção de ensino, mas tiveram grande importância para a inclusão, na escola, de termos como *texto*, *coesão e coerência*, *gênero textual*, *intertextualidade* e, entre outros, o de *variação linguística*.

Sem dúvida foi um grande avanço a inserção desses temas na escola. Mas o que percebemos, em relação à variação linguística, é que essa inserção se deu de forma equivocada. Muitos professores, ao trabalharem variação em sala de aula acabam,

motivados pelos livros didáticos e orientações similares, deturbando esse fenômeno e não refletindo sobre a natureza variável da língua. Sobre essa percepção, discutiremos na seção 3.

O que não devemos fazer em sala de aula?

Conforme enfatizamos anteriormente, consideramos positiva inserção da variação da linguística em sala de aula por se tratar de uma característica dos sistemas linguísticos. Ensinar língua é discutir variação. Entretanto, o que temos observado é que variação linguística, do ponto de vista pedagógico, deixou de ser característica das línguas para ser um tópico/um capítulo nos livros didáticos, que o professor “ensina” em um bimestre e depois o esquece completamente. Corro o risco aqui de estar sendo completamente generalista, mas é isso que tenho percebido ao longo da minha prática docente, os professores trabalham em um bimestre – geralmente o primeiro – o tema “variação linguística” tal qual trabalham classes de palavras ou regência verbal. Essa atitude deixa claro que o professor não entendeu o que é variação linguística, considerando-o um tema à parte e não fazendo a correlação com os tópicos gramaticais que serão ensinados ao longo do ano letivo. Ao falarem de classes de palavras – tome-se como exemplo os pronomes – ou de concordância, ou de regência esquecem – ou mesmo não conseguem perceber – que a variação perpassa por esses tópicos, sendo estes fenômenos variáveis em língua portuguesa. E quando se trabalha variação linguística acaba reforçando a visão equivocada de que variação é erro e deve ser consertada.

Por que isso ocorre? Além do peso da tradição, já discutido na seção anterior, que concebe língua como fenômeno homogêneo, o material didático que chega ao professor o induz a essa prática. Alguns linguistas já chegaram a essa conclusão ao analisar o livro didático, como Bagno (2013). Zilles e Faraco (2015) organizaram uma coletânea que discute essa questão. Nessa coletânea, vários autores refletem a maneira como variação chega à escola ou como ela é apresentada pela mídia. Bagno (2015) discute variação, avaliação e mídia, tendo por parâmetro o Exame Nacional do Ensino Médio; e González (2015) avalia o fenômeno em livros didáticos de português para o ensino médio. O que há em comum nesses trabalhos é o fato de que todos apontam que a maneira como a variação é trabalhada nas escolas tem reforçado o preconceito linguístico. O remédio tem tido efeito colateral.

Como saber se a prática do professor está reforçando o preconceito linguístico? Observando as atividades que são realizadas em sala de aula. Se o professor leva o Chico Bento, para exemplificar variação linguística, ele está reforçando o preconceito; se o

professor leva os textos do Patativa do Assaré, para exemplificar variação linguística, ele está reforçando o preconceito. O professor acaba passando a falsa ideia de que variação só ocorre na fala do morador da zona rural, geralmente, analfabeto; e que essa fala deve ser corrigida.

Alguns exercícios, retirados de pesquisa na internet, mostram essa visão equivocada do professor.

Exercício 01

Leia a letra da canção de Adoniran Barbosa, preste atenção em como ela foi redigida:

Saudosa Maloca

Si o senhor não “tá” lembrado
Dá licença de “conta”
Que aqui onde agora está
Esse “edifício arto”
Era uma casa veia
Um palacete assombradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímo nossa maloca
(...)

- 1) Conte a história da canção e explique por que foi escrita em uma linguagem diferente da que aparece nos livros e jornais, que segue a norma padrão (formal)
- 2) Transforme o trecho abaixo na norma padrão. Por que o autor da letra teria usada esta linguagem?

“Peguemo toda as nossas coisa
E fumos pro meio da rua
Apreciá a demolição ...
Que tristeza que nós sentia,
Cada tauba que caía
Doía no coração”

Na primeira questão, o proponente confunde os termos *norma padrão* e *linguagem formal*. Bagno (2013) já havia alertado para a falsa sinonímia *culto* e *padrão*. Nessa atividade observamos ser comum que o termo *formal* também seja usado como sinônimo de *padrão*, o que é um equívoco terminológico. Podemos ser extremamente formais utilizando linguagem popular. A formalidade está relacionada à situação comunicativa de mais ou menos monitoramento. Motivado pela própria teoria linguística que não é esclarecedora suficiente, é comum o professor fazer confusões terminológicas. E não só o professor. Britto e Pena-Ferreira (2017) discutem o problema da conceituação de norma e de padrão em estudos de norma e variação linguística aplicados ao ensino escolar da língua portuguesa.

Na segunda questão, o proponente simplesmente pede ao aluno transformar o trecho na norma padrão. Esse equívoco pedagógico é muito comum, boa parte das atividades sobre variação linguística consiste em corrigir, consertar, insistindo na ideia de erro das formas em variação. Atividades como essa, presentes também no Exercício 02 abaixo, devem ser extintas das aulas que discutem variação, pois é um desserviço à toda teoria variacionista.

Exercício 02

Inútil – Ultraje a Rigor

A gente não sabemos
Escolher presidente
A gente não sabemos
Tomar conta da gente
A gente não sabemos
Nem escovar os dente
Tem gringo pensando
Que nós é indigente...
“Inúteu”!
A gente somos “inúteu”!
“Inúteu”
A gente somos “inúteu”!

1. Percebemos na música construções linguísticas que não são comuns a pessoas mais instruídas na população. Reescreva essas construções, adequando-as a essa norma da gramática.

Quando sugerimos que atividades como essas devam ser evitadas, assim o fazemos porque essas atividades levam o aluno a entender, erroneamente, que:

- a. Variação é erro, precisa ser corrigida.
- b. Variação é algo que ocorre apenas na linguagem dos falantes da zona rural, dos analfabetos ou pouco instruídos.
- c. Variação não ocorre na linguagem urbana.
- d. Variação não ocorre na fala de pessoas escolarizadas.
- e. Variação é uma caricatura da verdadeira linguagem.

Esses “achismos”, incentivados pelo tratamento dado à variação em sala de aula, dificultam o ensino de língua que se quer plural, democrático e verdadeiro, indo de encontro ao conceito de língua como sistema heterogêneo. O que o professor deve fazer? Apresentaremos algumas propostas na próxima seção.

O que fazer então?

O professor deve estar se perguntando se não deve mais levar Chico Bento e Adoniram Barbosa para sala de aula. A resposta é: depende de como eles serão apresentados, depende do propósito da aula. Se o propósito for falar de variação linguística e em seguida propor atividades que peçam para os alunos “reconstruírem” os textos, a resposta será não. É preciso esclarecer os contextos em que, tanto a fala do Chico Bento quanto as letras de Adoniram, foram produzidas. Há intenções por detrás disso.

O que estamos propondo é que o professor, ao compreender que variação linguística é um tema transversal, apresente os tópicos de língua portuguesa como fenômenos variáveis. Sabemos que nem tudo na língua varia, há regras que são categóricas, mas as que não são devem ser apresentadas como possibilidades de uso de língua, e não me refiro apenas àquelas que são estigmatizadas. Devido à limitação de laudas, apresento apenas um tópico – pronomes pessoais – que pode exemplificar como apresentar variação linguística em sala de aula.

Tratamento dos pronomes

Classe de palavras é um dos temas mais abordados nas aulas de língua portuguesa (NEVES, 1990). Então, inevitavelmente, o professor vai falar sobre pronomes. Ao falar dos pronomes, o professor deve falar de variação, porque nessa classe há formas variáveis. Começemos pelos pronomes pessoais do chamado *caso reto*.

Os pronomes pessoais, tradicionalmente, apresentados como pronome sujeito, são seis, de acordo com as pessoas do discurso: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. Ocorre que, em algumas pessoas, esses pronomes coocorrem e concorrem com outras formas que passam a servir à mesma função. Isso ocorre, por exemplo, com a segunda pessoa do singular. Dizemos que a segunda pessoa do singular é uma variável que pode ser realizada por duas variantes: *tu* e *você*⁴. O uso de um ou de outro pronome vai depender de uma série de fatores como: hierarquia social, grau de intimidade entre os interlocutores, comunidade de fala. Seria interessante pesquisar entre os alunos em quais contextos eles usam *tu* e em quais eles preferem o *você*, e qual a atitude linguística dos alunos em relação a uma forma ou outra.

O professor poderia aplicar aos alunos um rápido questionário, para diagnosticar o uso desses pronomes, conforme esboçamos a seguir.

Questionário 1: diagnóstico de usos da 2ª pessoa do singular pronome pessoal

1. Qual pronome você usa com mais frequência? *tu* () *você* ()
2. Com quem você costuma usar o pronome *tu*?
3. Com quem você costuma usar o pronome *você*?
4. Você prefere ser tratado por *tu* ou por *você*? Por quê?
5. Você acha uma forma mais bonita ou mais elegante que a outra? Sim () [Qual: *tu* () *você* ()]; Não (); Nunca pensei sobre isso ()

A partir das respostas dadas pelos alunos, o professor pode elaborar sua aula com atividades que mostrem a diferença nos usos e as diferentes formas (os tipos possíveis de concordâncias, por exemplo) desses pronomes, observando em que tipos de textos e em que contextos de uso esses pronomes aparecem.

A primeira pessoa do plural também é uma variante com duas variáveis possíveis: *nós* e *a gente*. Da mesma forma, o professor pode aplicar um formulário, para diagnosticar os usos desses pronomes.

⁴ O professor poderia aproveitar e falar sobre gramaticalização, processo de mudança linguística, responsável pelo fazer-se da gramática. A forma *você*, que já é resultado de gramaticalização (*vossa mercê* > *vosmecê* > *você*) pertence originalmente ao paradigma dos pronomes de tratamento, mas ao longo do tempo passou a ser usado como pronome pessoal.

Questionário 2: diagnóstico de usos da 1ª pessoa do plural pronome pessoal

1. Qual pronome você usa com mais frequência? nós () a gente ()
2. Qual pronome você costuma ouvir com mais frequência? nós () a gente ()
3. Qual pronome você costuma ler com mais frequência? nós () a gente ()
4. De acordo com a resposta da pergunta 3, responda em que tipo de texto, o pronome costuma aparecer? Conversa de whatsapp (); textos no facebook (); textos presentes no livro didático (); romances (); legenda de filmes (); textos jornalísticos (); outros () [Quais? _____]
5. Você acha uma forma mais bonita ou mais elegante que a outra? Sim () [Qual: nós () a gente ()]; Não (); Nunca pensei sobre isso ()
6. Qual dos pronomes você prefere usar? nós () a gente ()

Novamente, depois das respostas, o professor pode elaborar suas atividades, inclusive mostrando como a forma “a gente” passou, ao longo da história da língua portuguesa, a ser usada na função de 1ª pessoa do plural. Deve aproveitar, ainda, para, junto com os alunos, observar as possibilidades de concordância no uso dessas duas formas.

Outra variável que podemos apontar no uso dos pronomes pessoais é a de 2ª pessoa do plural. Essa variável é realizada pelas variantes “vós” e “vocês”, embora o uso da forma “vós” pareça fazer mais sentido em evocações religiosas do que como plural de “tu”. Falamos, anteriormente, que as formas coocorrem e/ou concorrem. As formas variantes são concorrentes uma das outras, sendo possível que uma delas derrote a outra (TARALLO, 1997), relegando ao passado da língua a forma derrotada. Podemos dizer, então, que a forma *vós* da 2ª pessoa do plural é a forma derrotada na disputa entre *vós* e *vocês*, porque modernamente ninguém mais usa o “vós” na linguagem corrente. Mesmo assim, seria interessante saber o que pensa o aluno sobre esses usos. Para isso o professor deve se valer do já conhecido questionário.

Questionário 3: Diagnóstico de usos da 2ª pessoa do plural pronome pessoal

1. Você conhece o pronome “vós”? sim () não ()
2. Você já o usou alguma vez? sim () não ()
3. Se sim, em que contexto você o usou? sim () não ()

4. Você costuma encontrar essa forma nos texto que lê? sim () não ()

5. Você usa frequentemente o pronome *vocês*? sim () não ()

6. Apresente um contexto em que você usa esse pronome: _____

A orientação é que as respostas dadas pelos alunos sirvam de instrumento para que o professor elabore sua aula e suas atividades para reflexão sobre os diferentes usos dos pronomes pessoais. A utilização de textos de gêneros variados e de épocas variadas mostrará aos alunos que há formas na língua que deixam de ser usadas em determinado período da língua, mas a função não desaparece, porque passa a ser ocupada por outras formas.

Aproveitando que o assunto são os pronomes pessoais, o professor deve apresentar aos alunos os chamados pronomes oblíquos, cuja função seria a de complemento verbal. A tradição apresenta os seguintes pronomes oblíquos: *me, mim, comigo, te, ti, contigo, o, os, a, as, lhe, lhes, se, si, consigo, nos, conosco, vos e convosco*. Considerando que as formas da língua variam, é preciso mostrar as variáveis nesse paradigma. Para início de conversa, o professor deve mostrar aos alunos que, embora a tradição separe pronomes do caso reto e do caso oblíquo de acordo com a função sintática exercida por eles – no primeiro caso a de sujeito; no segundo, a de complemento – nem sempre o falante fará essa separação. É comum, na linguagem espontânea, misturar forma de um com função que, tradicionalmente, era de outra. Observemos algumas ocorrências de Pena-Ferreira (2014):

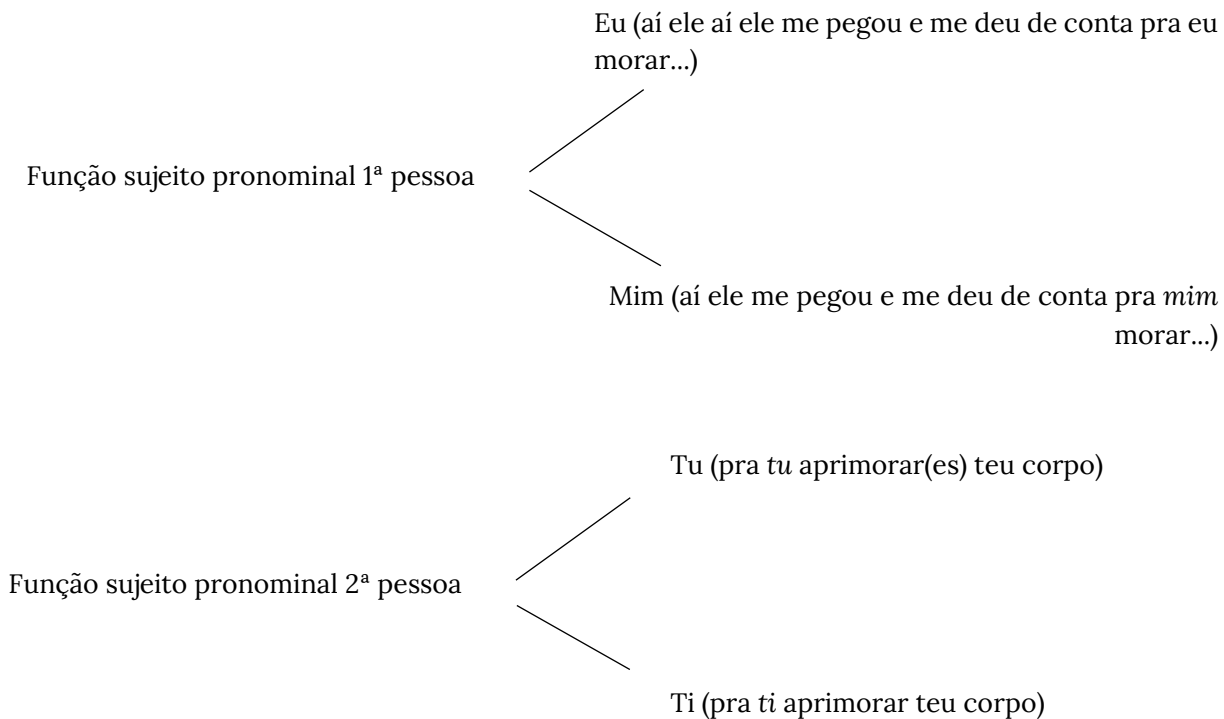
(01) aí meu pai pegou e levou nós

(02) o papai traía muito ela

(03) aí ele me pegou e me deu de conta pra mim morar...

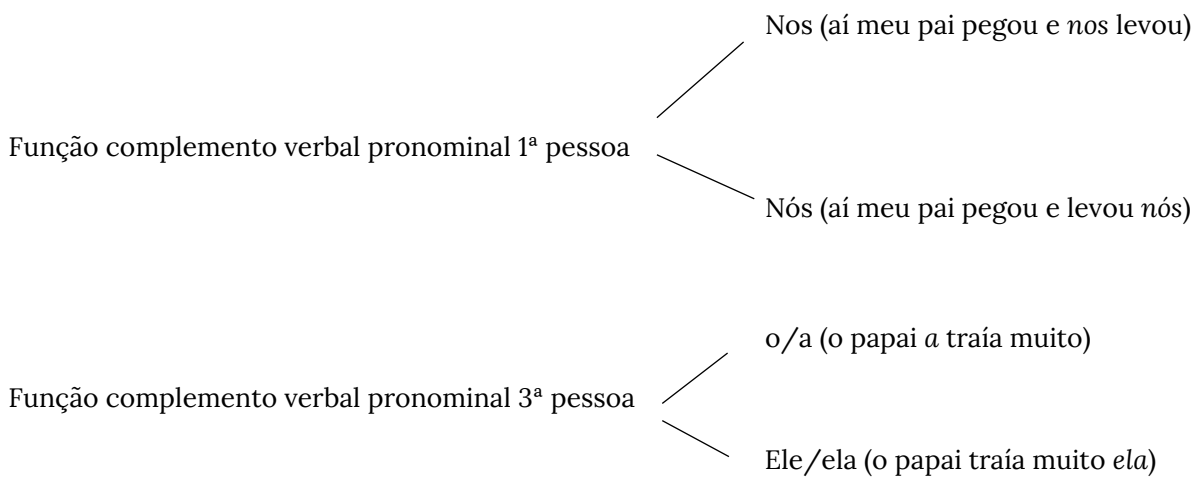
(04) pra ti aprimorar teu corpo

Em (01) e (02), temos a presença dos pronomes retos em função de complemento verbais; nas ocorrências (03) e (04), temos pronomes oblíquos em função de sujeito. Essas ocorrências nos permitem dizer que é muito redutor definir, na língua, formas específicas para uma dada função. Como as línguas são sistemas maleáveis, novas formas passam a assumir velhas funções. O que se está querendo mostrar é que a função *sujeito* é uma variável que pode ser expressa por diferentes variantes, conforme esquema a seguir:



Esquema 01

Da mesma forma, a função complemento verbal também é uma variável, sendo possível ser realizada por variantes diferentes.



Esquema 02

Formas oblíquas como *conosco* e *convosco* também competem com outras formas. *Conosco* compete com a forma *com nós*; e *convosco* compete com a forma *com vocês*. Ressalto que, como vimos acima, a substituição já feita pelo falante do *vós* por *vocês* torna a escolha *com vocês* bem óbvia.

Para mensurar o conhecimento dos alunos dos pronomes oblíquos, sugiro que o professor novamente faça o diagnóstico da turma.

Questionário 4: Diagnóstico de usos dos pronomes oblíquos

1. Qual construção lhe parece mais natural? a) A gente tem que ir cercando elas. (); b) a gente tem que ir cercando-as. () (contexto retirado de uma conversa sobre abater galinha).

2. Se você já assistiu a alguma missa, responda esta questão, caso contrário pule para próxima. Qual construção lhe parece mais adequada durante a missa? a) O Senhor esteja convosco! (); b) O Senhor esteja com vocês! ().

3. Quais dessas construções você usaria no seu dia a dia?

3.1) a) Preciso de dinheiro pra mim comprar um livro (); b) Preciso de dinheiro pra eu comprar um livro ()

3.2) a) mim adiciona no facebook (); b) me adiciona no facebook ()

3.3) a) Ela pediu pra ti adicionar meu amigo no face? () b) ela pediu pra tu adicionares meu amigo no face? ()

3.4) a) nós se olhou desconfiado (); b) nós nos olhamos desconfiados. ()

3.5) a) ela precisa de tu pra esse trabalho (); b) ela precisa de ti pra esse trabalho ()

3.6) a) o rapaz mora mais eu (); b) o rapaz mora comigo ()

É importante esclarecer ao aluno que esses questionários não têm respostas certas ou erradas. O objetivo é dar base para o professor conhecer a realidade linguística da turma, para depois fazer seu planejamento. As respostas devem servir de exemplo de usos reais da língua, sem nenhum objetivo de correção. Tampouco devem ser essas as perguntas a compor o questionário, o professor pode, de acordo com o

conhecimento do objeto a ser ensinado, elaborar questões que expressem a realidade dos usos linguísticos.

O propósito aqui é mostrar como a variação pode ser discutida e ter espaço em sala de aula sem ser um tema marcado e, na maioria das vezes, estigmatizado. Quer se trabalhe pronome, artigo (observar, por exemplo, ausência ou presença dos artigos nos sintagmas nominais), verbo, regência, concordância ou outro tópico, é possível discutir variação na abordagem desses temas.

Para encurtar a conversa

A consciência de um conceito de língua e de gramática é o primeiro passo que o professor de língua portuguesa deve dar antes de entrar em sala de aula. Tendo clareza do que é língua, o trato com a variação linguística não pode mais ser feito como vem sendo feito ultimamente nas escolas. Variação não é um capítulo do livro didático.

Não estamos dizendo que aquele capítulo que alguns livros didáticos trazem sobre o fenômeno da variação linguística deva ser excluído. O capítulo deve ser analisado pelo professor, para saber se os exemplos dados, as atividades apresentadas, não contradizem o conceito de língua já apresentado pelo professor. E o mais importante: não encerrar “o assunto variação linguística” no final do capítulo ou do bimestre letivo. Se a variação é uma característica inerente às línguas, ela não acaba em uma unidade.

Ao trabalhar os conteúdos propostos no plano curricular de cada série, o professor deve observar quais deles se constituem como fenômenos variáveis e fazer seu planejamento considerando esse fato. É importante não ter juízo de valor ao tratar os fenômenos variáveis; caso contrário, ao apresentar as variantes, o professor pode, inconscientemente, dizer o famoso “mas”: são esses os usos, mas a gramática tradicional diz que...; são esses os usos, mas o correto é...; são esses os usos, mas você deve... Se isso ocorrer, é preciso repensar em qual conceito de língua, de fato, o professor acredita.

De acordo com nossa proposta, é importante que o professor faça sempre um diagnóstico para saber o conhecimento da turma sobre o assunto a ser apresentado. Somente depois da diagnose, a reflexão sobre o assunto deve iniciar. O aluno precisa se sentir partícipe das aulas, precisa assumir protagonismo, pois ele também é falante da língua.

Sobre protagonismo do aluno, término indicando dois trabalhos que podem ser interessantes para outros professores de língua portuguesa. Esses trabalhos foram defendidos no Programa de Mestrado Profissional em Letras e discutem variação

linguística. Marinho (2017) desenvolveu pesquisa para verificar se uma proposta interventiva sobre variação linguística pode influenciar mudança na concepção de língua dos alunos. Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: a teórica, na qual os alunos-pesquisadores participaram de cinco encontros temáticos: a saber: De onde vem a língua que falamos? Ser brasileiro é falar só português? A variação linguística, Linguagens paraenses, Norma culta: uma necessidade social. Já na etapa prática, os alunos-pesquisadores foram a campo e, sob devido acompanhamento e supervisão, realizaram visitas a lugares diversos (como o asilo, a feira, o instituto cultural Boanerges Sena e a Câmara de vereadores), entrevistando informantes e gravando as interações para posterior transcrição. Resultados mostraram nova postura dos alunos em relação à língua.

Queirós (2018) aplicou, na cidade de Itaituba – Pará, o projeto de intervenção proposto por Marinho (2017), e concluiu que, por meio da pesquisa, os alunos diagnosticaram ser importante não somente o reconhecimento do fenômeno da variação como constituinte da língua, mas também o respeito diante das formas linguísticas estigmatizadas pela classe privilegiada. Esse novo olhar dos alunos pesquisadores equivale a um passo relevante que ratifica a necessidade de mudança para que se tenha um ensino mais produtivo de língua.

É isso que queremos!

Referências

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, M. Variação, avaliação e mídia: o caso do ENEM. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRITTO, L. P. L.; PENA-FERREIRA, E. Babel normativa – a inconstância conceitual de “norma” e “padrão” e suas implicações no ensino de língua portuguesa. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.; LIMA, A. F.de. (Orgs). **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. Campinas: Pontes Editora, 2017.

GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros de português para o EM. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARINHO, C. **Trabalhando a variação linguística na escola**: uma experiência com alunos do 9º ano fundamental. Dissertação (Mestrado) – ProfLetras, Ufopa, 2017.

NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

Heterogeneidade e Ensino de Língua Sob a Abordagem da Sociolinguística

Varição linguística: o que a escola tem a ver com isso?

DOI: 10.23899/9786589284222.2

PENA-FERREIRA, E. **Uma análise funcionalista dos pronomes pessoais no português brasileiro e no português europeu**. Relatório de Estágio Pós-doutoral. ILTEC, Lisboa, 2014.

QUEIRÓS, J. M. de J. **Ensino da língua em uso: discutindo variação linguística**. Dissertação (Mestrado) – ProfLetras, Ufopa, 2017.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.